Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas
Cartas ao Editor
Cartas ao editor / Letters to the Editor 2026 – Volume 20 – Número 2

O Estado Atual das Doenças Infeciosas no Mundo e o seu Impacto Global

The Current State of Infectious Diseases Worldwide and Their Global Impact

Ricardo Correia Abreu[1].

[1] Serviço de Doenças Infeciosas, Unidade Local de Saúde de Matosinhos, Matosinhos, Portugal

Autor correspondente: Ricardo Correia Abreu Email: rca.learning@outlook.com

DOI: 10.65332/rpdi.v20.152 Recebido: 19 mai 2026 Aceite: 01 jun 2026 Publicado: 01 set 2026

As doenças infeciosas sempre acompanharam a humanidade, moldando não apenas a história da medicina, mas também a trajetória das sociedades. Desde as grandes epidemias da antiguidade, passando pela peste negra na Idade Média, pela pandemia de gripe de 1918, até à pandemia de COVID-19 – ainda tão presente na memória coletiva –, os microrganismos têm mostrado a sua impressionante capacidade de adaptação e a sua aptidão em condicionar o destino de povos e nações. No século XXI, muitos acreditaram que a medicina moderna, com os antibióticos, antivirais e vacinas, teria vencido grande parte dessas ameaças. Contudo, a realidade é bem mais complexa: as doenças infeciosas continuam a ser uma das principais causas de morte e de incapacidade no mundo, e o seu impacto global extravasa a esfera da saúde, atingindo também a economia, a política, o ambiente e a forma como as comunidades interagem entre si.

Atualmente, morrem todos os anos milhões de pessoas em todo o mundo de doenças que poderiam ser prevenidas ou tratadas, como a tuberculose, a malária ou outras infeções respiratórias. Apesar dos progressos, estas doenças permanecem desproporcionalmente concentradas em países de baixo e médio rendimento, refletindo as desigualdades sociais e económicas que caracterizam a saúde global. A tuberculose, por exemplo, continua a ser uma das infeções mais letais, responsável por mais de um milhão de óbitos por ano, sendo particularmente preocupante o crescimento de formas multirresistentes, que dificultam o tratamento e exigem terapias longas e dispendiosas. A malária, por sua vez, ainda assola regiões inteiras da África subsaariana, afetando sobretudo crianças pequenas e grávidas, mesmo após décadas de campanhas de prevenção. O vírus da imunodeficiência humana (VIH) representa outro desafio central: embora a introdução da terapêutica antirretrovírica tenha transformado esta infeção numa doença crónica controlável, ainda existem milhões de pessoas sem acesso ao tratamento, sobretudo em zonas onde os sistemas de saúde são frágeis.

Para além destas doenças já conhecidas, o mundo tem enfrentado um fenómeno crescente de doenças

 — © 2026 The Author(s). CC BY 4.0

emergentes e reemergentes. O vírus Ébola, identificado pela primeira vez em 1976, tem provocado surtos recorrentes em comunidades da África Ocidental e Central, revelando como os sistemas de vigilância e resposta rápida ainda são insuficientes em muitas regiões. Mas nenhum exemplo é mais marcante do que a pandemia de COVID-19. Em poucos meses, um novo coronavírus conseguiu atravessar fronteiras, desafiar os sistemas de saúde dos países mais ricos e provocar uma disrupção global sem precedentes em tempos recentes. Para além das mortes e da sobrecarga hospitalar, a pandemia mostrou a fragilidade das cadeias de abastecimento, revelou desigualdades no acesso a vacinas e gerou um impacto económico que afetou quase todos os setores da sociedade. Apesar de ter impulsionado a ciência — como se viu no desenvolvimento rápido das vacinas de ARNm — a COVID-19 também deixou claro que o mundo não estava preparado para responder de forma equitativa a uma crise desta dimensão.

Outro problema silencioso, mas cada vez mais reconhecido, é a resistência aos antimicrobianos. Durante décadas, os antibióticos foram considerados um triunfo absoluto da medicina moderna, permitindo tratar infeções outrora fatais e tornando seguras cirurgias e tratamentos oncológicos. Hoje, porém, a utilização excessiva e muitas vezes inadequada destes medicamentos, tanto em humanos como na produção animal, criou um cenário preocupante: bactérias resistentes que já não respondem aos fármacos de primeira linha. Estima-se que milhões de mortes por ano estejam associadas a este fenómeno, e se nada for feito, o mundo poderá regressar a uma era em que uma simples infeção urinária ou uma pneumonia poderia matar. Esta realidade ameaça não apenas a saúde individual, mas todo o sistema de cuidados modernos, porque coloca em risco procedimentos médicos que dependem da eficácia dos antibióticos, como transplantes, cesarianas ou tratamentos de quimioterapia.

As doenças infeciosas não afetam todos por igual. O seu peso está fortemente condicionado por fatores socioeconómicos, geográficos e até culturais. Em países desenvolvidos, onde existe acesso a antibióticos, vacinas e saneamento básico, muitas doenças que antes causavam mortalidade em massa foram controladas. Já em países em desenvolvimento, a combinação de pobreza, falta de infraestrutura sanitária, conflitos armados e sistemas de saúde frágeis cria um terreno fértil para a propagação de surtos. Isto é visível, por exemplo, em crises humanitárias nas quais populações deslocadas vivem em campos sem acesso a água potável e cuidados médicos mínimos, aumentando o risco de cólera, sarampo ou outras infeções. Para além disso, o fenómeno das migrações e as viagens internacionais facilitam a disseminação rápida de agentes patogénicos, tornando qualquer surto local num potencial problema mundial.

O impacto das doenças infeciosas ultrapassa em muito as estatísticas de mortalidade. Elas têm consequências sociais e económicas profundas. Uma infeção grave pode retirar um trabalhador da sua atividade durante semanas ou meses, gerando perda de rendimento e afetando famílias inteiras. A nível macroeconómico, surtos como o da COVID-19 mostraram como uma doença pode paralisar indústrias, provocar recessões e alterar o comércio internacional. Os custos diretos incluem hospitalizações, medicamentos e programas de prevenção; os indiretos incluem o absentismo laboral, a perda de produtividade e até o impacto psicológico prolongado nas comunidades afetadas. Não é exagero afirmar que as doenças infeciosas podem condicionar a estabilidade política e económica de países inteiros, sobretudo quando os sistemas de saúde já são frágeis e não conseguem responder à pressão de uma epidemia.

Um aspeto frequentemente esquecido é o estigma associado a algumas doenças infeciosas. O VIH é talvez o exemplo mais conhecido: para além do impacto clínico, esta infeção carrega um peso social que, em muitos contextos, resulta em discriminação e exclusão. Pessoas que vivem com o VIH podem ser afastadas de empregos, famílias ou comunidades, não por incapacidade física, mas pelo preconceito enraizado em torno da doença. Esse estigma é, por si só, um obstáculo ao con-

trolo das infeções, porque leva muitos a evitar o teste e o tratamento, perpetuando a cadeia de transmissão. Situações semelhantes ocorrem com a tuberculose e até com a COVID-19, onde em várias partes do mundo pessoas infetadas foram alvo de rejeição ou marginalização.

Apesar de tantos desafios, o panorama não é apenas de ameaça. Há razões para otimismo. As campanhas de vacinação continuam a ser uma das ferramentas mais eficazes da saúde pública. Do sarampo à poliomielite, passando pela própria COVID-19, a imunização em massa já salvou milhões de vidas. O investimento em investigação científica tem produzido avanços notáveis, como a terapia antirretrovírica para o VIH, os novos tratamentos para a hepatite C que permitem a cura e o desenvolvimento de medicamentos inovadores contra a malária. Além disso, a digitalização e o uso de *big data* permitem hoje uma vigilância epidemiológica mais rápida e eficiente, capaz de detetar surtos antes que se transformem em epidemias.

O futuro do combate às doenças infeciosas passa por uma visão integrada, muitas vezes descrita pelo conceito *One Health*. Esta abordagem reconhece que a saúde humana está interligada com a saúde animal e ambiental. Muitos dos vírus emergentes têm origem zoonótica, como demonstram, entre outros, o Ébola, o VIH ou os coronavírus, ultrapassando a barreira entre espécies, através de contactos cada vez mais frequentes, resultado da desflorestação, da urbanização descontrolada e do comércio de animais selvagens. Ao compreender que a saúde não é isolada, mas parte de um ecossistema complexo, torna-se possível planear respostas mais abrangentes e sustentáveis.

Outro ponto fundamental será o reforço da cooperação internacional. Doenças infeciosas não conhecem fronteiras, e por isso nenhum país pode enfrentar sozinho estas ameaças. A partilha de informação científica, a colaboração em programas de vacinação global e o apoio financeiro e técnico a países em desenvolvimento são elementos-chave para evitar que surtos locais se tornem pandemias globais. A COVID-19 mostrou tanto o melhor como o pior desse espírito colaborativo: se por um lado houve cooperação científica sem precedentes, por outro, o acesso desigual a vacinas revelou como os interesses nacionais podem prevalecer sobre a solidariedade global.

Em resumo, as doenças infeciosas continuam a ser um desafio incontornável para a humanidade, mesmo num tempo em que a medicina e a tecnologia fizeram progressos que há poucas décadas pareciam improváveis. Recordam-nos a vulnerabilidade humana face a organismos microscópicos, mas também a capacidade de resposta e inovação que caracteriza a nossa espécie. O impacto global destas doenças não se mede apenas em vidas perdidas, mas também em desigualdades reforçadas, economias fragilizadas e sistemas de saúde testados ao limite. O futuro dependerá de como o mundo consegue aprender com as crises passadas, investir em prevenção e investigação e, sobretudo, garantir que o acesso aos avanços da ciência é equitativo e universal. Porque enquanto houver comunidades sem acesso a cuidados básicos de saúde, a ameaça das doenças infeciosas continuará a pairar sobre todos nós, lembrando-nos que na saúde global ninguém está verdadeiramente protegido até que todos estejam.

Referências bibliográficas

1. World Health Organization. Global Health Estimates [Internet]. Geneva: WHO; [cited 2026 Aug 3]. Available from: https://www.who.int/data/global-health-estimates.
2. Naghavi M, et al. Global burden associated with 85 pathogens in 2019: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2019. *Lancet Infect Dis.* 2024;24(8). Available from: https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099(24)00158-0/fulltext.
3. World Health Organization. Global tuberculosis report 2024 [Internet]. Geneva: WHO; 2024. Available from: https://www.who.int/teams/global-programme-on-tuberculosis-and-lung-health/tb-reports/global-tuberculosis-report-2024.
4. World Health Organization. World malaria report 2024 [Internet]. Geneva: WHO; 2024. Available from: https://www.who.int/teams/global-malaria-programme/reports/world-malaria-report-2024.

5. UNAIDS. Global HIV & AIDS statistics - Fact sheet [Internet]. Geneva: UNAIDS; 2026. Available from: https://www.unaids.org/en/resources/fact-sheet.

6. Antimicrobial Resistance Collaborators. Global burden of bacterial antimicrobial resistance in 2019: a systematic analysis. *Lancet*. 2022;399(10325):629–655. https://doi.org/10.1016/S0140-6736(21)02724-0.

7. Jesudason T, et al. Impact of vaccines in reducing antimicrobial resistance. *Lancet Microbe*. 2025. Available from: https://www.thelancet.com/journals/lanmic/article/PIIS2666-5247(24)00308-2/fulltext.

8. World Health Organization. Global report on infection prevention and control. Geneva: World Health Organization; 2022. https://www.who.int/publications/i/item/9789240051164.

9. World Health Organization, Food and Agriculture Organization of the United Nations, United Nations Environment Programme, World Organisation for Animal Health. One Health Joint Plan of Action (2022–2026): working together for the health of humans, animals, plants and the environment. Geneva: World Health Organization; 2022. https://www.who.int/publications/i/item/9789240059139.

10. World Health Organization. Coronavirus disease (COVID-19) pandemic [Internet]. Geneva: WHO. Available from: https://www.who.int/europe/emergencies/situations/covid-19.

11. Micah AE, Su Y, Bachmeier SD, Chapin A, Cogswell IE, Crosby SW, et al. Health sector spending and spending on HIV/AIDS, tuberculosis, and malaria, and development assistance for health: progress towards Sustainable Development Goal 3. *Lancet*. 2020;396(10252):693–724. https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30608-5.

12. Mills JP, Marchaim D. Multidrug-resistant Gram-negative bacteria: infection prevention and control update. *Infect Dis Clin North Am*. 2021;35(4):969–994. https://doi.org/10.1016/j.idc.2021.08.001.

 — © 2026 The Author(s). CC BY 4.0